

# AFFECTOS MOVIDOS POR NGEN KO<sup>1</sup>

## Cartografia de um encontro com a ancestralidade

**Daniela Vieira Goularte<sup>2</sup>**

Quinta (Jueves), dia 04 de setembro de 2025, às 14h na Universidade Nacional da Patagônia San Juan Bosco - UNPSJB<sup>3</sup>, assistimos uma aula magna dos cursos de medicina e enfermagem, que consistia na apresentação de um documentário sobre ancestralidade mapuche e a medicina ancestral.

O documentário intitulado *EL SERPENTEAR DEL NGEN KO* tratava de um recorrido em torno do Rio Chubut - um rio que nasce na cordilheira dos Andes atravessa a área central da província de Chubut, e desagua no mar - como forma de mobilização e fortalecimento da comunidade mapuche em defesa do seu território às margens desse importante curso d'água. A mobilização é contra a construção de represas vinculadas à exploração da mineração de urânio, a exploração do petróleo, a invasão territorial da empresa Benetton, a monocultura dos Pinheiros, e os consequentes impactos ambientais gerados por todas essas atividades sobre o Rio Chubut, os quais causam graves danos à cosmovisão, à identidade e a manutenção dessas comunidades.

Enquanto eu assistia o documentário senti um reboiço dentro de mim. Após o término do filme, teve uma roda de conversa mediada por Mauro Millán, líder mapuche, escritor, *platero*, e atualmente *lonko* da comunidade *Pillan Mawiza* e Susana Martin. O contato com Mauro após o evento foi movido por um misto de interesses - pela temática da água, pelo desejo de aproximação com a cultura do povo mapuche, pela menção à importância dada aos sonhos durante a compra do livro do Mauro – propiciando um convite para participar de dois *Trawün*<sup>4</sup>, incluindo a realização de uma cerimônia às margens do rio Chubut, o qual eu recebi como se fosse uma missão, de vida.

Busquei um motivo racional para justificar o investimento que teria que fazer para participar dos dois *Trawüns* em cidades muito distantes de Comodoro, e a aparente perda de foco com o principal projeto que me trouxe até aqui: “Caminhografias Urbanas nos Confins da América do Sul: criando pistas para políticas públicas com povos e comunidades tradicionais que habitam a margem das cidades de Marabá/BR, Pelotas/BR e Comodoro Rivadavia/AR”.

Na minha cabeça fazia total sentido, inclusive para o nosso projeto, conhecer outras margens, outras relações de outras comunidades que também vivem às margens, e que também reivindicam o direito à água para a manutenção das suas comunidades, dos seus territórios, e de suas culturas. Recebi o incentivo dos meus colegas pesquisadores, alegando que eu deveria atender a esse chamado, viver a experiência, mesmo que não estivesse entendendo direito, e que deveria racionalizar tudo posteriormente.

O desejo inexplicável de querer estar em contato com esse povo, foi como uma mola propulsora que me levou a viver uma experiência profunda entre corpo, mente, espírito e o território. Foi uma jornada inesquecível e que desafiou os meus limites, repleta de aprendizados sobre relações humanas, sobre minha postura como pesquisadora, despertar da consciência, autocontrole e autoconhecimento, e do (re)encontro com a minha própria ancestralidade.

1 Em mapuzungun, idioma mapuche, Ngen, Newén, quer dizer donos da força, protetores; e Ko, Có, quer dizer água.

2 Arquiteta e Urbanista. Especialista em Artes Visuais. Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural. Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Linha Cidade e Sociedade. Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão Cidade+Contemporaneidade. Servidora técnico-administrativa no cargo de Arquiteta e Urbanista da Universidade Federal de Pelotas.

3 Menos de 24h após minha chegada em Comodoro Rivadavia, Chubut, Patagônia Argentina, para um intercâmbio de 3 meses.

4 Trawün é uma espécie de assembléia realizada pela comunidade mapuche.

Afectos movidos por Ngen Ko: cartografia de um encontro com a ancestralidade

"Estos escritos son búsquedas. No sabemos cuándo empezaron, y tampoco si van a terminar."

Sus protagonistas recorrieron varios caminos, y a veces se repitieron las mismas preguntas. Otras veces, sin que ellos mismos lo supieran, sus historias se complementaban, y las cosas que unos aprendieron con el pasar eran las respuestas que otros buscaban desesperadamente."

"El agua es un canal,  
una manera de  
comunicar."

El agua comunica con todo, suponenos. Suponenos que con la minche mapu también, porque de ahí vienen los relatos de los animales del agua, de los seres del agua, pero no solamente con la minche mapu, ni con el mundo de los muertos, que está por encima, en la wenu mapu."